

BUEY, F. F. Por una universidad democrática:
escritos sobre la universidad y los movimientos
universitarios (1965-2009). Barcelona: El Viejo Topo, 2009.

BUEY, F.F. For a democratic university:
writings on college and university movements (1965-2009).
Barcelona: El Viejo Topo, 2009.

Elizandra de SIQUEIRA¹
Nicanor Palhares SÁ²

A presente obra é de autoria de Francisco Fernández Buey, o professor espanhol Paco Buey, publicada em 2009 pela editora espanhola El Viejo Topo, sob o título *Por una universidad democrática: escritos sobre la universidad y los movimientos universitarios (1965-2009)*. Paco Buey (1943-2012) foi professor catedrático de Filosofia do Direito e Filosofia Política da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona; também colaborou com o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, na Linha de Pesquisa em Movimentos Sociais e Educação. Escritor e filósofo, publicou vários livros, artigos e ensaios; dentre eles, destacam-se: *Ética e Filosofia Política* (2000), *Leyendo a Gramsci* (2001), *Marx sem ismos* (2004) e o livro que ora se resenha.

O livro é resultado da reunião de vários textos escritos em diferentes épocas e apresentados e/ou publicados em vários periódicos e eventos em que Buey se fez presente.

O texto está organizado em onze capítulos que, apesar de terem sido construídos em épocas diferentes, podem representar a produção intelectual de Buey ao longo de sua carreira acadêmica, no que tange à temática sobre o Ensino Superior e a Educação Universitária; inserida em um processo mais amplo, situando-o no contexto social e político entre os anos de 1965 até 2009. O primeiro capítulo trata da memória pessoal da fundação do SDEUB – Sindicato Democrático de Estudantes da Universidade de Barcelona (1965 a 1966); no segundo capítulo, o autor aborda

-
- 1 Mestre em Letras (UFRGS) (2004), Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGE/UFMT). E-mail: <elizandra.siqueira@gmail.com>.
 - 2 Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGE/UFMT). E-mail: <palhares@ufmt.br>.

R. Educ. Públ.	Cuiabá	v. 23	n. 54	p. 973-977	set./dez. 2014
----------------	--------	-------	-------	------------	----------------

a experiência de sustentar um sindicato democrático estudantil durante o período fascista (1965 a 1968); no terceiro capítulo, ele descreve, sob uma ótica comunista, o grande movimento de protesto do ano de 68, que culminou na enorme manifestação em maio daquele ano. Já no quarto capítulo, Buey analisa o contexto político-social de maio de 1968 na França e, no quinto, na Espanha. No sexto capítulo, partindo do ponto de vista de quem participou expressivamente do processo, ele aborda a situação de repressão e hostilidade com a qual sofreram professores e estudantes que se manifestaram, no fim da década de 60 e início de 70, contra Franco, chefe de estado na ditadura espanhola; no sétimo, aborda a questão controversa da contratação dos professores substitutos e auxiliares, não concursados, da universidade entre 1972 e 1984. Na oitava parte da obra, o autor contextualiza a universidade a partir de uma ótica político-filosófica, alicerçando-se nos pensamentos de José Ortega y Gasset e de José Gimeno Sacristán. No nono capítulo, lê-se uma crítica profunda sobre a universidade, vinte anos depois das manifestações da década de 60, e sobre sua mercantilização e corporativismo; no décimo, Buey analisa os primórdios do Plano de Bolonha com as Leis de Reforma Universitária e Orgânica de Universidades, entre os períodos de 1984 a 2001. Por fim, no décimo primeiro capítulo observa-se a abordagem direta sobre o Plano de Bolonha, o qual o autor apresenta como uma grande possibilidade de mudança e transformação universitária, mas que, no fundo, tornou-se apenas pretexto para a manutenção da hegemonia do capital.

O próprio autor, em novembro de 2009, tece comentários para a agência de notícias espanhola *Rebelión* sobre essa obra:

He juntado aquí recuerdos de acontecimientos, movilizaciones y luchas vividas durante cuarenta y tantos años en la universidad con el análisis y la valoración crítica de algunos de esos acontecimientos, hechos a partir de lecturas de muchos libros que proponían su interpretación. Este es un libro escrito desde dentro de los movimientos críticos y alternativos que durante esos años ha habido en la universidad. Y está escrito con la intención de ser útil a los estudiantes y profesores activos y comprometidos que ahora siguen levantando su voz frente a las políticas universitarias en curso. (BUEY, 2009, p. 1).

Na década de 1960, o comportamento dos jovens demonstrava certo romantismo que, de acordo com Buey (2009), significava a crítica radical da ciência e do complexo técnico-científico; a exaltação da comunhão/comunidade frente à família tradicional e à sociedade de consumo; a atração pelo misticismo, o espiritualismo e as religiões

orientais; a ênfase rousseauiana da volta ao natural; o papel central atribuído aos sentimentos e à imaginação frente à razão, sistematicamente qualificada de tecnocrática e instrumental; a atração pela evasão e pela experimentação de novos estados de consciência; a importância concedida ao cognitivo contra o ponto de vista analítico; a tendência a relacionar tudo com tudo; o pensamento holístico; a aspiração a uma psicologia crítica das alienações e ao mesmo tempo gestaltista.

Considerando-se essas características, o mundo presenciou uma onda duradoura de manifestações completamente heterogêneas mais ou menos pacíficas de jovens que se desligavam totalmente do sistema, através da liberação sexual, da leitura de autores proibidos, da proletarização, da *miscigenação*, da deserção (BUEY, 2009); cujos fatores de construção contribuíram para a criação da chamada cultura *pop*, ou popular, que em muitos países fazia parte da proletarização. É possível identificar que o centro da crise entre as lideranças estudantis e as maiorias espanholas se encontrava relacionado aos vínculos entre os estudantes e os operários, tendo em vista o fortalecimento do movimento trabalhador espanhol naquela época e a dificuldade de obter consenso pelo apoio mútuo. Assim, Paco Buey (2009) observou um rompimento entre a vontade antifranquista e democrática da maioria estudantil e a vontade democrático-socialista dos operários.

Os estudantes espanhóis, ligados aos movimentos estudantis e aos sindicatos estudantis e operários, tinham uma leitura muito aprofundada de vários textos que também eram lidos por toda a Europa, transparecendo certa unificação de linguagens e de interesses da juventude de 68: acesso a publicações europeias e latino-americanas, mesmo que clandestinamente. Então, conforme Buey (2009), poder-se-ia dizer que havia duas *Espanhas* em 68, uma vivendo um deserto cultural que malograva as leituras feitas pelos jovens, e uma Espanha muito bem informada da produção intelectual, principalmente político-ideológica. No entanto, pode-se perceber em alguns destes autores certo radicalismo que, de acordo com Buey (2009, p. 128), foi a marca registrada dos grupos estudantis de 68-69, os quais foram “[...] liquidados, dizimados e descabeçados [...]” pelo franquismo durante o estado de exceção de 69.

Neste mesmo período e a partir dele, as funções docentes foram subvertidas pela demanda capitalista de mão de obra especializada, além da substituição dos operários anteriores por máquinas após a primeira fase de industrialização. Esse processo levou os jovens a buscarem as universidades, mesmo aqueles que não faziam parte das classes mais abastadas, superando a hierarquização da formação acadêmica. Porém, ainda ocorrem estratificações e imposição de barreiras dentro das universidades e, para Buey, essas estratificações e barreiras têm um nome bem determinado: o corporativismo.

As divisões, fragmentações, segmentações e estratificações, inerentes ao modelo de ensino americano, trouxeram como consequência o reforço do espírito

corporativo, que só enxerga como única forma de valorização a monetária e se relaciona apenas com aqueles que estão no poder. Assim, na universidade, uma pesquisa tem mais valor se for útil para o mercado e reproduzir a mercantilização do ensino. Nesse contexto, o espírito corporativo é causa e consequência de uma história que se refere ao período anterior às manifestações estudantis de 68 e que, com sua derrota, chega a termo. Esta é a ação do espírito corporativista que não está presente apenas na universidade, mas na sociedade como um todo (BUEY, 2009).

Buey ressalta que não há que se criar um anacronismo em se afirmar que não existem mais críticos. O professor continua cumprindo com suas obrigações docentes e de pesquisa na universidade e intervindo, ainda que modestamente, como cidadão, nos assuntos da *polis*. Nesse contexto, “[...] o processo de privatização indireta e de mercantilização direta da universidade pública assegura a manutenção do privilégio e reprodução da hegemonia” (BUEY, 2009, p. 314). Porém, com a universalização do acesso ao Ensino Superior, o que ocorre é um prolongamento do Ensino Médio durante a graduação, enquanto as formações para a gestão e a reprodução da hegemonia ficam restritas às pós-graduações, geralmente privadas e geridas por empresas e universidades estrangeiras, as quais configuram as novas elites. Em outras palavras, no momento em que as classes trabalhadoras alcançam o Ensino Superior é uma chance de se organizarem formalmente, destruindo a hegemonia existente; o que ocorre é uma troca na localização da formação para a hegemonia, ainda distante deste nível de ensino. E, mais uma vez, quando a população alcança a formação da elite, esta se transfere para outra esfera, novamente privatizada e corporativa.

Este processo de análise de forças existentes na educação e, principalmente, na política educacional, pode ser verificado no Plano de Bolonha, o qual poderia ser oportunidade para se revisar métodos de ensino mais adequados à universalização do acesso à universidade pública, além de diminuir as diferenças na formação para a hegemonia. Porém, o que realmente está ocorrendo é um pretexto para a sua privatização e mercantilização. Parece que há alguns aspectos sobre os quais as autoridades universitárias não desejam refletir: o mal-estar trazido pelo reforço do vínculo mercantil de dependência das empresas às universidades e pela perda da tão cara autonomia; gastar grandes somas em publicidade a favor de um processo dito de custo zero, quando se deveriam usar recursos financeiros para uma verdadeira mudança estrutural e metodológica; a crise econômica europeia que avulta as taxas de desemprego traz efeitos visíveis às expectativas dos estudantes universitários; a necessidade de conciliar trabalho e estudo é cada vez mais premente para os jovens e ocorre independente do Plano. Tais aspectos se parecem, em muitas dimensões, com as reformas universitárias implementadas em outros lugares, como na América Latina.

Partindo de todas essas premissas, dever-se-ia pensar em formas de participação de todas as instâncias educativas e da sociedade para se alcançar a tão desejada

universidade autônoma e democrática. Isso não ocorrerá através de Planos, Reformas ou Leis que limitam a caminhada universitária e tolhem o pensamento reflexivo dos universitários, tanto estudantes quanto professores. Nas palavras de Buey (2009), os universitários são pessoas adultas e devem ser tratados como tal, colocando-os no lugar que lhes é de direito, auxiliando nas decisões sobre a universidade que também é sua.

Assim, observando essas conjecturas tão controversas, esse livro pode ser considerado sob um prisma de memórias de Paco Buey, relativas à sua participação nos movimentos estudantis universitários. Entretanto, vai além, quando oferece visibilidade à trajetória do desenvolvimento universitário, tanto espanhol quanto europeu e latino-americano, a partir das percepções e reflexões de alguém que atuou no seio das manifestações estudantis e na carreira acadêmica, configurando-se como circunstância oportuna para revelar a essência da Universidade Pública Autônoma e Democrática.

Recebimento em: 11/03/2013.

Aceite em: 04/09/2013.